

AS VÍTIMAS ALGOZES: O MEDO COMO ARMA ABOLICIONISTA

Vanessa Monteiro da Silva (UEFS)
vanessasoll@hotmail.com

1. *Introdução*

Em 1822 o Brasil tornava-se um país independente da matriz colonizadora europeia, e foi dentro dessa nova situação política que surgiu o Romantismo Brasileiro, momento de tomada de consciência tanto no contexto político quanto cultural. A nação e povo brasileiro precisavam reconhecer-se como detentores de uma cultura digna e diferenciada, pois esta não poderia mais ser especular à portuguesa. O Romantismo teve, portanto, como principal objetivo, apresentar por meio da literatura um país que era até então, desconhecido para seu próprio povo. As paisagens brasileiras, mitos, lendas, a beleza da mulher brasileira, bem como a linguagem se tornaram ingredientes essenciais para as linhas do romance nacional.

Joaquim Manuel de Macedo foi o introdutor do romance folhetim no Brasil, com *A Moreninha* (1844). O escritor ganhou destaque e prestígio no cenário da literatura nacional. Entretanto, após inúmeros romances publicados, a crítica encontrava o mesmo molde, o que fez com que o autor declinasse e não despertasse mais o interesse dos críticos. A obra macediana foi ao longo dos anos, cristalizada numa ótica voltada para uma “fórmula” que Macedo teria aplicado a todos os seus romances.

O livro *As Vítimas Algozes* foi lançado em 1869. Nele Macedo analisa a escravidão numa nova perspectiva; anos antes, em 1852, Harriet Beecher-Stowe, escritora norte americana lançara *A Cabana do Pai Tomás*, obra que causou grande alvoroço na época e que acabou tornando-se um best-seller mundial. Macedo não gostou do livro, a razão era bem simples; para Harriet, a escravidão tornava o negro um coitado, um sofredor, e ela mostrava em seu livro, como era tamanho o mal que os senhores causavam aos seus cativos. Macedo concordava que escravidão deveria ser abolida, mas por razões diferentes, para ele a escravidão transformava os negros em monstros, criminosos capazes das mais inimagináveis atrocidades, e é dessa forma que o autor trata da escravidão no livro.

Macedo está entre os escritores que gozaram em vida de prestígio e de uma condição social mais amena. Saído do seio da burguesia, filho do casal Severino de Macedo Carvalho e Benigna Catarina da Conceição. Nasceu em Itaboraá, interior do Rio de Janeiro em 24 de junho de 1820. Formado em medicina, pela Faculdade do Rio de Janeiro, não chegou a exercer de fato a profissão, lançou no ano de sua formatura o grande sucesso, *A Moreninha*, considerado um dos romances mais lidos à época; ainda hoje conquista leitores. É patrono da cadeira de número 20 na Academia Brasileira de Letras, por intermédio de um dos seus fundadores, Salvador de Mendonça. Foi casado com a prima-irmã do poeta ultrarromântico Álvares de Azevedo, Maria Catarina de Abreu Sodré, a qual muitos julgam ser a inspiração do autor para a composição de Carolina, sua mais famosa personagem.

O escritor carioca viveu até pouco antes de completar 62 anos; sofreu no fim da vida de problemas mentais. Foi um dos fundadores da revista *Guanabara* juntamente com Araújo Porto-Alegre e Gonçalves de Magalhães, na qual publicou boa parte de *A Nebulosa*, uma espécie de poema-romance. No *Curso Elementar de Literatura Nacional* (1862), Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, contemporâneo de Macedo, fala sobre *A Nebulosa* de modo que podemos verificar o prestígio que o autor tinha entre os críticos da época:

A nebulosa é uma composição fantástica, no gosto desses poemas orientais que encantam pelos arabescos da imaginação. Ninguém o lerá uma só vez: ninguém deixará de sentir a necessidade que experimentamos de abrir suas perfumadas páginas para retemperar nossa alma nas fontes do belo sempre que nos sentirmos arrastados para o estéril terreno do positivismo. (PINHEIRO, 1862, p. 557)

O autor de *A Moreninha*, ao longo da vida, exerceu as mais variadas profissões: foi médico, jornalista, professor, teatrólogo e político. Lecionou no Colégio Pedro II as disciplinas Geografia e História. Dr. Macedinho, como era também conhecido, especialmente entre sua família, gozava de grande prestígio junto à família imperial, tanto que foi professor dos filhos da princesa Isabel. Na política exerceu os cargos de deputado provincial e deputado geral. Filiado ao Partido Liberal, ainda participou ativamente do Instituto Histórico e do Conselho Diretor da Instrução Pública da Corte.

Apesar de reconhecido apenas como um escritor que dedicava sua literatura às mocinhas casadoiras, Macedo traz em suas obras um grande leque temático. Entre inúmeros romances, se destacam, além de *A Moreninha* (1844), *O Moço Loiro* (1845), *Os Dois Amores* (1848), *Rosa*

(1849), *Vicentina* (1853), *O Forasteiro* (1855), *Os Romances da Semana* (1861), *Rio do Quarto* (1869), *A Luneta Mágica* (1869), *As Vítimas Algozes* (1869), *As Mulheres de Mantilha* (1870-1871), e dois romances de cunho satírico *A Carteira do Meu Tio* (1855), *Memórias do Sobrinho do Meu Tio* (1867-1868).

Escreveu 16 peças para o teatro. Esta parte de sua produção é considerada por alguns críticos, de qualidade estética ainda mais elevada do que no romance. Se destacam no teatro as obras de cunho dramático: *O Cego* (1845); *Cobé* (1849), um épico indianista; *Lusbela* (1863). De cunho humorístico: *O Fantasma Branco* (1856), *O Primo da Califórnia* (1858), *Luxo e Vaidade* (1860), *A Torre em Concurso* (1863), *Cincinato Quebra-Louças* (1873) e *Cigarro e seu Sucesso* (1880).

A obra do escritor carioca instiga uma cuidadosa análise, pois ela é de uma notória variedade temática. Muitos críticos contemporâneos insistem em unificar a obra macediana. Desconhecendo a sua diversidade, numa tentativa de enquadrá-la num modelo à muito cristalizado. Para tanto, proferem julgamentos do tipo: romance composto por personagens estereotipados; estruturados a partir de uma fórmula repetida à exaustão. Para relativizar esse julgamento unilateral da crítica, afirmamos que ao invés de usar fórmulas repetidas à exaustão, o que Macedo faz é recontextualizar em outros romances elementos e características aplicados em *A moreninha*, seu romance de maior sucesso.

O universo das mocinhas casadoiras, dos bailes, os conflitos amorosos, a idealização dos personagens, a presença de tipos caricatos que desfilavam pela sociedade com seus traços decadentes que provocavam o riso, a minuciosa descrição dos lugares e das vestimentas de seus personagens, estão presentes sim, em *O Moço Loiro*, *Os Dois Amores*, *Rosa*, *Vicentina* e *As Mulheres de Mantilha*. Mas, além de praticar com sucesso modelo de romance romântico, posteriormente utilizado por outros escritores do século XIX, o autor também foi um crítico ácido da política, dos costumes e da sociedade burguesa do Rio de Janeiro. A crítica presente no texto macediano na esfera política e social é escancarada, abusando de modelos caricatos, caminhando muitas vezes para a comicidade o caracteriza seu texto como satírico. Além da crítica, o autor de *A Luneta Mágica*, também tinha a preocupação de fazer do romance um documento histórico para gerações futuras, assim ele se expressa em *As Mulheres de Mantilha*:

Tenho quase certeza de que hoje haverá de sobra quem me censure por estas explicações do que todos sabem, visto como ainda atualmente existe o

cancro da escravidão, ainda há população escrava, e portanto, ainda há também nas famílias – *nhanhãs* e *sinhazinhas*, há senhores pais de – *nhonhôs* e *sinhás*, ou senhoras mães de – *sinhazinhas*; mas no século vigésimo os romancistas historiadores que são os professores da história do povo, hão de agradecer estes e outros esclarecimentos da vida íntima das famílias do nosso tempo. (MACEDO, 1965, p. 36)

O autor de *A Moreninha* conseguiu prestígio com suas primeiras obras, romances que agradavam ao público, pois eram romances com os quais a burguesia leitora do Brasil oitocentista poderia facilmente se identificar, os bailes, as festas, os casais apaixonados, era um conjunto que fazia parte da vida e do imaginário dessa parcela da população. Seu contato com a política faz com que busque novos caminhos para sua literatura, mas a mudança súbita de temática, com o lançamento de *A Carteira do Meu Tio*, não agrada ao público, o qual não se identifica com a estória contada. O prestígio de Macedo declina à medida que cresce o destaque do cearense José de Alencar. Em 1868, lança a *Memórias do Sobrinho do Meu Tio*, uma continuação do romance lançado em 1855. Depois em 1869, publica *As Vítimas Algozes*, obra que trazia elementos realistas e naturalistas, que também é criticado e apontado como mero romance panfletário de cunho abolicionista.

Macedo como exímio observador da sociedade da sua época, também foi autor de três livros de crônicas sobre a cidade do Rio de Janeiro: *Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro* (1862), *Memórias da Rua do Ouvidor* (1878) e *Labirinto* (1860). Também se dedicou a dois livros de biografia: *Ano Biográfico Brasileiro* (1876) e *Mulheres Célebres* (1878).

O autor de *As Vítimas Algozes* constrói sua narrativa apresentando o ponto de vista dos grandes senhores detentores das fazendas e de escravos. Para Macedo o fim da escravidão deveria ser consumado não pela libertação daqueles que trabalham forçadamente, que viviam em condições sub-humanas, sob ameaças e torturas; a escravidão deveria chegar ao fim pelo bem dos senhores de escravos, o autor implanta no seio do seu leitor o medo, a escravidão transformava em monstros os escravos, que desta forma, se tornavam capazes das piores atrocidades. Quem era o leitor de Macedo senão os senhores? Como fazer com que estes concordassem com abolição? A piedade pelos negros não seria a resposta, mas sim o medo, a ameaça constante daqueles que ansiosos por liberdade viviam sob seus tetos, temperando suas panelas e servindo às *sinhazinhas*. O autor faz com que seu leitor acredite na veracidade dos fatos narrados, levando-o a confundir realidade e ficção.

2. “As verdades” da ficção macediana em *As vítimas algozes*

O romance *As Vítimas Algozes* foi escrito de modo a agradar o leitor burguês do século XIX, quem lia romances geralmente eram os ricos, então, como tratar da abolição dos escravos se o público leitor era aqueles que escravizavam? Macedo, portanto, não poderia colocar como vítima os escravos então os transformou em algozes, em almas incendiadas de ódio e rancor em razão de sua liberdade ceifada; pessoas capazes das piores atrocidades contra seus senhores. O medo foi a arma do escritor, a inversão de papéis, em que a vítima tornou-se algoz e o senhor de escravos, o vitimado. Ciente do poder da narrativa literária sob o leitor Macedo traz a tona um texto com o qual seu público possa se identificar, transformando o escravagista numa vítima de um sistema do qual só ele mesmo obtinha lucros. O estudioso Stephen Vizinczey, em *Verdade e Mentira na Literatura*, nos fala sobre esse poder que o escritor possui em suas mãos:

Ler é um *acto criativo*, um contínuo exercício da imaginação que fornece carne, sentimentos, cor às palavras mortas da página; temos que ir buscar na experiência dos nossos sentidos para criar um mundo no espírito, e não podemos fazer isso sem envolver o nosso inconsciente e de revelar o nosso *ego*. Em resumo, somos extremamente vulneráveis quando lemos, e só ficamos felizes com autores que partilham as nossas inclinações, preocupações, preconceitos, ilusões, pretensões, sonhos, e que tenha, os mesmos valores, as mesmas atitudes em relação ao sexo, à política, à morte etc. (VIZINCZEY, 1992, P. 244)

Através do texto de Vizinczey fica absolutamente claro o jogo traçado por Macedo na inversão de papéis de vítima e algoz. Na busca de leitores para sua obra, o que mais o escritor carioca poderia fazer senão partilhar das ideias, dos medos e de tudo que preocupava um senhor de escravos? O medo dos crimes cometidos pelos negros na época era uma realidade que assustava a classe mais abastada, e é esse medo que o autor de *As Vítimas Algozes* utiliza contra os interesses desta mesma classe, o fantasma de negros desalmados, feiticeiros e monstruosos que povoavam a mente dos senhores. Como se livrar dessa ameaça? Em tom de parábola o escritor carioca ao fim de cada novela afirmava “acabai com a escravidão”.

Os senhores são no romance o retrato da bondade, com espírito generoso e de bom coração, seu Domingos personagem da novela *Simeão o crioulo* é um homem caridoso que cria como um filho o menino escravo, este por sua vez, cresce e se torna um vagabundo, imprestável para o trabalho, frequentador de tavernas e por fim um ingrato diante do

acolhimento de seus senhores. Simeão carrega o ódio pela sua condição, é perverso; desse modo que é pintada a imagem do homem branco burguês e do escravo em todas as novelas que compõem o romance. Macedo não poderia negar a imagem do burguês, este deveria ser bom e puro para que seu leitor se identificasse. A imagem do negro é negatizada enquanto a do proprietário é positiva. Domingos e Angélica são benfeitores, o perfil moral dos senhores é positivado através destes personagens:

Domingos Caetano teve de sua mulher muito e bem merecidamente amada uma filha que satisfizera os doces votos de ambos. Angélica, a nobre esposa e virtuosa mulher, não pôde ter a dita de amamentar o seu anjo, e confiou-o aos peitos de uma escrava que acabara de ser mãe como ela: a escrava que amamentara dous filhos, o próprio e o da senhora, morreu dous anos depois, e Angélica pagou-lhe a amamentação de sua querida Florinda, criando com amor maternal o crioulinho Simeão, colação de sua filha.

A compaixão e a afeição em breve se transformaram em verdadeira afeição: o crioulo era esperto e engraçado, começou fazendo rir, acabou fazendo-se amar. Simeão divertia, dava encanto às travessuras de Florinda: Domingos Caetano e Angélica o amaram em dobro por isso. (MACEDO, 1991, p. 16.)

Notemos aqui que até mesmo o nome da esposa de Domingos Caetano “Angélica”; remete-nos a uma imagem purificada, santa e angelical e a filha do casal também é assim denominada, um anjo. O casal é bom e caridoso, algo que certamente convém ao leitor, pois irá identificar-se com a imagem limpa e positiva de pessoas de boa índole e sentimentos. Enquanto o escravo ora é invejoso, ora ingrato, a imagem do escravo é a da perversidade e do ódio profundo:

Simeão odiava o senhor, que o castigara com o açoite, odiava a senhora que nem sequer o castigara, e, inexplicavelmente nuança ou perversão insensata do ódio, odiava mais que a todos Florinda, a senhora-moça, a santa menina que ofendida, insultada por ele, tão pronta lhe perdoara a ofensa, tão prestes se precipitara a livrá-lo do açoite. (MACEDO, 1991, p. 23)

Percebemos que Macedo tinha consciência de que para agradar o seu público ele deveria apresentar uma narrativa fiel aos anseios do seu leitor. *As Vítimas Algozes*, portanto, partilha dos medos, das preocupações e preconceitos dos senhores de escravos, com isso os leitores poderiam mais facilmente concordar com as ideias propostas pelo escritor, neste caso a libertação dos escravos. As histórias de crimes brutais cometidos pelos escravos era uma realidade que estampava os jornais, o que Macedo faz e trazer essa realidade assombrosa para sua literatura planando o medo no seio do senhor, vejamos o que nos diz Fernando Novais sobre esses crimes abordados na obra do escritor:

Macedo tinha razão. Veja-se, por exemplo, uma notícia sobre uma escrava cozinheira, publicada nos jornais da corte. Depois de envenenar seis pessoas da mesma família, a escrava foi, apesar de tudo, vendida, porque seus senhores não queriam perder o dinheiro mandando prendê-la. Na cozinha dos novos donos, voltou a envenenar a comida, fazendo duas outras vítimas. Não obstante essa família ainda a alugou para terceiros, permitindo que continuasse temperando seus quitutes com veneno. Ao comentar os crimes desta *serial-killer* oitocentista, o *Jornal do Commercio* adverte: “Desgraçadamente abundam os fatos de escravos perversos e assassinos vendidos pelos senhores que os reconhecem criminosos, para salvarem seu valor, nem se importam com os males que irão causar aos novos senhores.” (NOVAIS, 2008, p. 91)

Percebemos pelo texto de Novais a proximidade entre os fatos narrados na ficção e a realidade, escravos assassinos abundavam na sociedade oitocentista, era comum se ouvir falar de histórias como essa naquele período. O medo já era real nas famílias burguesas, Macedo apenas tentaria alimentá-lo nas páginas de seu romance. É fato que as investidas do escritor, mudando a temática de seus textos, numa tentativa de resgatar o prestígio que possuiu junto ao público e a crítica não deram certo. A imagem do autor de *A Moreninha* já estava irreparavelmente cristalizada e nada do que ele tentasse iria desfazer a ideia de que seus romances seguiam sempre uma mesma fórmula, pois poucos foram aqueles que se deram ao trabalho de ler. Entretanto, os poucos leitores que a obra teve na época certamente foram contagiados pela crença de que personagens como, Lucinda, Pai-Raiol e Simeão eram pessoas reais; fruto da proximidade entre ficção e realidade:

Na ficção, as referências precisas ao mundo real são tão intimamente ligadas que, depois de passar algum tempo no mundo do romance e de misturar elementos ficcionais com referências à realidade, como se deve, o leitor já não sabe muito bem onde está. Tal situação dá origem a alguns fenômenos bastante conhecidos. O mais comum é o leitor projetar o modelo ficcional na realidade – em outras palavras, o leitor passa a acreditar na existência real de personagens e acontecimentos ficcionais. (ECO, 1994, p. 131)

A temática escravagista era recorrente na sociedade oitocentista, bem como crimes bárbaros cometidos pelos negros eram comuns naquele período; noticiado em jornais, assunto das rodas de conversas dos senhores de terras, certamente um terror que rondava todas as fazendas que faziam uso da mão de obra escrava. A situação abordada por Umberto Eco em *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção* na qual o leitor acredita que os personagens são pessoas reais pode ser relacionada com os leitores macedianos do século XVIII, pois além da realidade narrada no livro estar fortemente relacionada com a desses leitores, Macedo ainda afirmava serem reais as histórias narradas.

A publicação de *As Vítimas Algozes* tinha uma intenção: convencer a sociedade de que a abolição era necessária e que seria vantajosa, portanto, quanto mais o leitor acreditasse na veracidade dos fatos narrados, maior seria o temor provocado e deste modo mais fácil seria convencer o leitor de que a escravidão deveria ser abolida da sociedade. Pois, dado o momento em que se acredita que o mal apresentado nas novelas poderia chegar a casa, a fazenda, ao seio da família do leitor, este iria concordar com a libertação dos escravos em razão do medo; o medo de aquela realidade representada se tornasse também sua realidade.

A narrativa de Macedo se enquadra no modelo de ficção tratado por Umberto Eco em *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção*, em que: “A narrativa artificial é supostamente representada pela ficção, que apenas finge dizer a verdade sobre o universo real ou afirma dizer a verdade sobre um universo ficcional.” (ECO, 1998, p. 126). Em seu texto Eco nos dá vários indícios de como perceber se um determinado texto se trata de uma obra ficcional, tais como o nome do autor relacionado à outra obra ficcional, o nome “romance” na capa, dentre outros. Em *As vítimas algozes* existe a presença forte de um indicio apontado por Eco: “(...) outra indicação típica de ficcionalidade é a falsa afirmação de veracidade no começo da história.” (ECO, 1998, p. 128). Na introdução o autor faz questão de afirmar a veracidade dos fatos narrados, o que caracteriza o indicio de ficcionalidade do texto tratado por Eco, Macedo apela para uma possível consciência de que estes são de conhecimento do leitor, que são acontecimentos com os quais o leitor está familiarizado, e que as histórias de seu romance não são mera fantasia literária:

Queremos agora contar-vos em alguns romances histórias verdadeiras que todos vós já sabeis, sendo certo que em as já saberdes é que pode consistir o único merecimento que porventura tenha este trabalho; porque na vossa consciência se não de firmar as verdades que vamos dizer.

Serão romances sem atavios, contos sem fantasias poéticas, tristes histórias passadas a nossos olhos, e a que não poderá negar-se o vosso testemunho. (MACEDO, 1991, p. 1)

Macedo situa o leitor enquanto testemunha de uma realidade que é do outro, mas que poderá ser a dele, implantando no seio daquele que lê o medo, o receio de que tais terríveis acontecimentos pudessem atingir suas famílias. Para extirpar o mal eminente o escritor apresenta a solução, acabar com o regime escravo, pois é ele que fabrica a cada dia novos casos de violência:

Contar-vos-emos, pois, em pequenos e resumidos romances as histórias que vós sabeis, porque tendes sido delas testemunhas.

Se pensardes bem nestas histórias, deveis banir a escravidão, para que elas não se reproduzam.

Porque estas histórias veracíssimas foram de ontem, são de hoje, e serão de manhã, e infinitamente se reproduzirão, enquanto tiverdes escravos.

Lede e vereis. (MACEDO, 1991, p. 5)

Notemos ainda no trecho acima mais um reforço da ideia de que os fatos narrados são realidade, “estas histórias veracíssimas”; a necessidade em ressaltar ao longo do texto o realismo das histórias contadas está no efeito que autor busca provocar em seu leitor, fazer com que ele realmente acredite que aquilo que está no romance seja verdade e desta forma, provocar o medo. Alimentados por esse sentimento os leitores poderiam acolher a mensagem final encontrada nas três novelas que compõem o romance; mensagem que apresenta a moral da história, a lição que deve ser aprendida, cada novela corresponde a uma espécie de parábola que doa a aquele que lê um ensinamento:

Entre os escravos a ingratidão e a perversidade fazem a regra; e o que não é ingrato nem perverso entra apenas na exceção.

Porquanto, e todos o sabem, a liberdade moraliza, nobilita, e é capaz de fazer virtuoso o homem.

E a escravidão degrada, deprava, e torna o homem capaz dos mais medonhos crimes.

A lei matou Simeão na forca.

A escravidão multiplica os Simeão nas casas e fazendas onde há escravos.

Este Simeão vos horroriza?...

Pois eu vos juro que a forca não o matou de uma vez; ele existe e existirá enquanto existir a escravidão no Brasil.

Se quereis matar Simeão, acabar com Simeão, matai a mãe do crime, acaba com a escravidão.

A forca que matou Simeão é impotente, e inutilmente imoral.

Há só uma forca que vos pode livrar dos escravos ingratos e perversos, dos inimigos que vos cercam em vossas casas.

É a forca santa do carrasco anjo: é a civilização armando a lei que enforca para sempre a escravidão. (MACEDO, 1991, p. 68)

O fim da escravidão seria um carrasco como afirma o narrador, carrasco, pois, o fim do regime escravo seria trágico para a sociedade, pois o escravo era uma mercadoria de altíssimo valor, perde-los implicaria num prejuízo sem precedentes, o estado estaria quebrado e falido bem

como, a sociedade. No entanto esse carrasco seria o anjo libertador, que deteria a perversidade humana proveniente do estado de escravo, deste modo os senhores estariam livres da ameaça. Mas claro, que para que se chegasse a tal solução, os proprietários seriam devidamente indenizados pelo governo, logo este carrasco não seria tão ruim assim.

Os crimes cometidos pelos escravos Simeão, Lucinda e Pai-Raiol, são apresentados como crimes cometidos pelo regime escravocrata, todos esses personagens são na realidade a personificação da escravidão. As três histórias que remetem à estrutura e funcionalidade da parábola, na qual o leitor após o fim da história deve chegar à conclusão de que é a escravidão que envenena, que assassina e é perversa.

Assim como sugere que a morte de Simeão não solucionará o problema, pois a escravidão tratará de multiplicá-lo em cada casa de senhores, em Pai-Raiol – o feiticeiro, Macedo afirma que Pai-Raiol e Esméria não poderão mais matar, mas a escravidão continuará gerando assassinos:

Pai-Raiol e Esméria, algozes pela escravidão, esses dous escravos assassinos não podem mais assassinar...

A escravidão, porém, continua a existir no Brasil.

E a escravidão, a mãe das vítimas-algozes, é prolífica. (MACEDO, 1991, p. 152)

A preocupação esboçada no romance está claramente voltada para a situação dos senhores, da burguesia, todo o texto é uma defesa da camada abastada da sociedade, um alerta para a necessidade da abolição, mas o fim do regime é necessário pelo bem da sociedade, não pelo bem dos negros:

(...) defender a camada proprietária, demonstrando a necessidade de decretar ela mesma a emancipação antes que tal pudesse se dar por meios mais cruentos, antes que a “nefasta influência” de tais “vítimas algozes” e de ameaçadoras senzalas pudesse macular de modo irremediável fazendas e sobrados brancos. Ou, nas palavras cúmplices do narrador senhorial de *As vítimas algozes* ao seu leitor: “*nossas casas*”, “*nossas fazendas*”. Ameaça direta, portanto. (SUSSEKIND, 1991, p. XXIII)

O leitor do romance de Macedo, a classe burguesa, identifica-se com personagens da história, os senhores são colocados como vítimas da maldade do escravo perverso. Partilhando das preocupações burguesas o autor afirma:

A emancipação gradual iniciada pelos ventres livres das escravas, e completada por meios indiretos no correr de prazo não muito longo, e diretos no

fim desse prazo com indenização garantida aos *senhores*, é o conselho da prudência e o recurso proveniente dos proprietários. (MACEDO, 1991, p. 4)

O discurso proferido ao longo de toda a obra é uma defesa aos interesses da classe burguesa e proprietária de escravos, ainda que possua um discurso abolicionista. Percebemos que Macedo tenta fazer com que os senhores, seus leitores; se identifiquem com os personagens, que tenham medo de que as histórias narradas possam se transformar a sua própria. Mesmo com este discurso não podemos simplesmente afirmar que era desta forma que pensava Macedo, o que ele criou foi uma narrativa literária, uma ficção na qual ele engana o leitor fazendo-o acreditar na veracidade dos fatos narrados:

O escritor produz o texto, o público recebe o livro. Entre estes dois atos se passam coisas que os estudos literários não costumam considerar. Diante do livro, o leitor, solitário, não pede mais que ser enganado. Não adianta procurar outra realidade naquilo que está escrito nos livros. Trata-se de ilusão que se cultiva e que é necessário cultivar até certo ponto, mas que permanece, no entanto ilusão. O romancista não transmite nenhuma verdade, a não ser o mundo por ele criado com os recursos de sua arte. (SCHLAFMAN, 1998, p. 8)

O romance *As vítimas algozes* foi escrito para agradar o público, numa tentativa do autor de recuperar o prestígio perdido. Se o autor defende a classe abastada e burguesa, é provável que seja pela necessidade de conquistá-la, pois esse era seu público leitor. Ainda que defenda a libertação dos escravos pelo bem do branco proprietário e não do negro escravo, Macedo ao escrever pela abolição inegavelmente defendeu uma ideia que mais favoreceu ao negro, que deixa a condição de escravo, coisa, objeto, para ser homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *As mulheres de mantilha*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.
- PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. *Curso elementar da literatura nacional*. Rio de Janeiro: Garnier, 1862.

SCHLAFMAN, Leo. *A verdade e a mentira: novos caminhos para literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

SUSSEKIND, Flora. As vítimas algozes e o imaginário do medo. In: MACEDO, Joaquim Manuel de. *As vítimas algozes*. São Paulo: Scipione, 1991.

VIZINCZEY, Stephen. *Verdade e mentira na literatura*. Lisboa: Presença, 1992.